

ENTREVISTA



Marcelo Maia Vinagre Mocarzel

Pedagogo, com pós-doutorado em Educação pela UFF, é Conselheiro no Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis e dos cursos de graduação e pós-graduação do Unilasalle-RJ. Também atua como gestor escolar da rede básica privada há mais de 10 anos.

A entrevista realizada com o professor Dr Marcelo Mocarzel traz importantes contribuições quanto ao papel dos gestores públicos no processo de tomada de decisão, dentro de um contexto democrático, reafirmando a relevância do diálogo neste momento tão difícil e particular de enfrentamento ao COVID-19.

A contribuição do Dr Marcelo enfatiza a necessidade de um trabalho multidisciplinar, neste tempo de pandemia, tendo em vista que as áreas da saúde, serviço social, economia e outras, são fundamentais na busca por caminhos, o menos danoso possível, para alunos e professores.

A preocupação por acentuar a desigualdade social entre a população mais vulnerável, faz com que ocorra aproximação dos vários entes. Como bem colocado na entrevista, o trabalho em parceria possibilita à população sentir-se segura diante de regras fundamentadas na ciência e transmitidas de forma transparente.

Boletim Ciência Macaé: Como membro do Conselho Estadual de Educação, o que tem percebido com relação às legislações que têm sido liberadas no que se refere às aulas remotas?

Marcelo Morcazel: O Conselho Estadual tentou ser o mais coerente com aquilo que foi emanado pelo Conselho Nacional de Educação, resguardando, é claro, sua própria autonomia e sua visão, que em alguns pontos diverge do órgão federal. Tentamos criar uma única normativa, bastante clara para a oferta remota, preservando a autonomia pedagógica das instituições e redes, mas estabelecendo critérios avaliativos objetivos. A mesma lógica será adotada com a normativa que versa sobre os protocolos de retorno.

Boletim Ciência Macaé: Muito tem se falado sobre as preocupações acerca da saúde do professor nestes tempos de pandemia. Como você vê a questão? Quais as consequências/interferências que podem ocasionar na vida das crianças e dos jovens brasileiros?

Marcelo Morcazel: Vejo como um grande desafio. A saúde, tanto dos profissionais da educação, como das crianças e jovens está sendo testada cotidianamente. A exposição à tela por longas horas pode ser prejudicial, bem como a excessiva cobrança que o contato virtual em grupos traz. Precisamos ser coerentes, ter empatia e dosar nossa atuação enquanto pais, professores, estudantes. Entre o ensino e a saúde, deve-se sempre optar pela saúde, porque da aprendizagem podemos cuidar depois se estivermos com saúde.

Boletim Ciência Macaé: Em termos de educação, temos passado por momentos de incertezas, que talvez tenham sido agravados pelo Covid 19. O que você destacaria de relevante sobre a questão?

Marcelo Morcazel: Vivemos tempo de intensa insegurança jurídico-institucional. Mesmo antes da Pandemia, já vínhamos acompanhando o duelo entre os poderes e entre os entes federados: município em disputa com o governo de estado, executivo em conflito com legislativo e judiciário, o que é péssimo para o cidadão. Com a COVID-19, essa problemática se intensificou e passamos a ter mais atores no cenário político, sobretudo uma interface entre saúde e educação. As legislações, normas, pareceres têm saído de todos os lugares e a falta de clareza de competências tem criado uma enorme confusão. Por exemplo, a liberação das aulas na educação infantil é de competência dos municípios só porque essas instituições integram o sistema municipal de ensino? Ou isso seria competência dos órgãos de saúde pública estaduais? Penso que são muitos órgãos emanando notas, decretos, pareceres, faltando uma coerência para que tais atos sejam informativos, não confundindo a população.

Boletim Ciência Macaé: O Brasil vivencia uma intensa desigualdade escolar, acentuada nestes tempos de pandemia. A evasão escolar é um aspecto que tem preocupado as autoridades educacionais, em decorrência das dificuldades de acesso à educação remota. Como você percebe a questão e o que, em termos de legislação e de políticas públicas, pode ser feito?

Marcelo Morcazel: De fato, questões como a evasão e o abandono escolar serão acentuadas. Somente com políticas intersetoriais, que envolvam educação, saúde, assistência social, economia poderemos estancar a crise e reverter o quadro. O primeiro passo é que os entes invistam em pesquisa, que acompanhem o alunado e suas famílias, que entendam as razões que levam ao extremo de abandonar a escola. Não é hora de sermos punitivos, mas inclusivos, pois ninguém escolheu estar nessa situação.

Boletim Ciência Macaé: Considerando, em especial, a situação dos estudantes em processo de alfabetização e, também dos que se encontram no final do ensino médio, no quadro das grandes dificuldades de se garantir uma volta às aulas presenciais com segurança, você considera que esta seria uma geração perdida?

Marcelo Morcazel: Como li outro dia, o ano só foi perdido para aqueles que nos deixaram. Quem permanece vivo, com saúde, poderá ter oportunidades futuras de compensar as perdas, assim acredito. Mas não podemos negar que existem alguns alunos em momentos mais sensíveis que outros. Quanto à alfabetização, acredito que de uns tempos para cá estamos amadurecendo a concepção de que se trata de um ciclo, um período mais longo que um ano, então há espaço para sedimentarmos as aprendizagens nos anos seguintes, mesmo para aqueles em extrema dificuldade. Mas isso precisa ser tratado como prioridade pelas redes, com programas de enriquecimento curricular, reposição de aulas e novas oportunidades de aprender, tanto em casa como na escola. Para os alunos às vésperas do ENEM, nesse momento a autonomia vai fazer diferença: aqueles que conseguiram desenvolver práticas individualizadas de estudos terão mais chances; os que dependem mais de aulas e processos coletivos talvez terão mais dificuldades. Mas penso que as instituições precisam continuar a ofertar oportunidades de ensino remoto.

Boletim Ciência Macaé: Como membro do Conselho Estadual de Educação acreditamos que interaja com representantes de vários municípios. O que ressaltaria para o município de Macaé, no aspecto pedagógico, no retorno às aulas?

Marcelo Morcazel: Acredito que todo município precisa ter clareza de algumas coisas: primeiramente, é preciso trabalhar em parceria com os demais entes, para que a população se sinta segura, com regras claras a serem seguidas; depois, precisa ter a ciência como base de suas ações; por fim, passar e repassar os protocolos estabelecidos, oferecer formação intensiva aos profissionais, criando uma rede de aprendizados sobre a pandemia. Só assim, nossas escolas poderão voltar paulatinamente.

Boletim Ciência Macaé: Como você vê as políticas públicas de ensino remoto para as crianças que demandam necessidades especiais, como os autistas, nos diversos municípios do Rio de Janeiro?

Marcelo Morcazel: Os alunos com necessidades educativas especiais talvez sejam os mais prejudicados: primeiro porque demandam, em sua maioria, interação física, socialização. Depois porque os papéis da casa e da escola precisam ser bem demarcados e na pandemia tudo se confunde. Terceiro, porque o excesso de tela pode ser até mais prejudicial para alguns perfis. Da mesma forma, o retorno ao presencial não se coloca como uma opção viável muitas das vezes, pela falta de compreensão dos procedimentos de higiene para alguns deles. Assim, as instituições de ensino e redes precisam analisar caso a caso, atualizar os Planos de Atendimento Especial Individualizado de cada aluno, pensando em estratégias personalizadas.

Boletim Ciência Macaé: Poderia nos traçar um olhar crítico sobre a prática do professor ao longo desse tempo de pandemia?

Marcelo Morcazel: Vi algumas experiências muito interessantes, como caixas de atividades que são entregues nas residências dos alunos, para que possam produzir conhecimento presencialmente, mediados pelas famílias. Também, professores que gravaram áudios para seus alunos, com leituras de livros, narração de receitas e outras experiências, buscando resguardar o vínculo, a confiança, a troca. Mas tudo isso demanda investimento financeiro e, principalmente, investimento de tempo dos profissionais que participam da vida escolar desses estudantes.

Boletim Ciência Macaé: Poderia nos traçar um olhar crítico sobre a prática do professor ao longo desse tempo de pandemia?

Marcelo Morcazel: De tudo que vi, fui muito positivamente impactado por várias coisas: professores agarraram a tecnologia com unhas e dentes e passaram a fazer uso dela de forma regular. Muitos mudaram suas práticas, se atualizaram e já afirmam que não mais deixarão de utilizá-la, mesmo com retorno presencial. Vi um estreitamento das relações entre escola e família e até uma certa valorização social da profissão, com depoimentos de familiares enaltecendo os profissionais da educação. Mas não podemos romantizar as dificuldades desse momento: muitos de nós sofremos – e muito – com a intensa cobrança e a necessidade de readequação, alguns chegaram infelizmente a adoecer. Não se pode generalizar, nem naturalizar esse período. Os gestores são fundamentais para que haja equilíbrio nas relações: precisam ter solidariedade com os profissionais sob sua responsabilidade, para que todo mundo possa dar aquilo que é capaz e os processos sejam concluídos, sem que a preservação da saúde e da vida seja comprometida.